

Sobre a necessidade de uma teoria do Jornalismo

Adelmo Genro Filho

Como ponto de partida ao que nos propomos, isto é, indicar sobre a necessidade de uma teoria do jornalismo, podemos conceituá-lo como uma forma sistemática de transmissão de informações ao conjunto da sociedade ou a parcela significativa desta, através de veículos de recepção coletiva¹.

Esse conceito, que pode ser encontrado de forma aproximada em qualquer manual de jornalismo, na verdade, diz muito pouco sobre o fenômeno. Além de não situá-lo historicamente, é excessivamente parcial e não desvenda seu significado nem suas relações sumamente importantes com o processo social global. Entretanto, a formulação de um conceito mais apropriado exige uma análise crítica do anterior, como forma dialética de superação. Ao mesmo tempo que implica em aprofundar o conhecimento sobre a natureza histórica, sociológica e cultural do jornalismo. Com relação à determinação histórica, é importante, pelo menos sintetizadamente, referir que a forma inicial que assume o jornalismo é a “imprensa de Gutemberg”. Sendo, ao mesmo tempo, sua forma típica até a presente etapa da evolução histórica². O jornalismo, como forma específica de transmissão de informações requer, naturalmente, um meio técnico apropriado capaz de multiplicar

uma mesma informação. A imprensa de Gutemberg, como meio técnico que origina o jornalismo, ou seja, que origina a transmissão sistemática de informações de determinada natureza³, tem seu desenvolvimento intimamente ligado ao desenvolvimento do capitalismo. A “indústria da informação” surge como uma extensão da indústria propriamente dita e tem nela sua base material, seu corpo de existência. “Por muitas razões, fácil de referir e demonstrar, a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista” diz Nelson Werneck Sodré na introdução de seu livro *História da Imprensa no Brasil*⁴.

A distinção entre o jornalismo e a imprensa é fundamental: a imprensa é o corpo material do jornalismo, é o processo técnico e mecânico que resulta num produto final (no caso da imprensa escrita) composto de papel e tinta, o jornalismo é a natureza da informação que surge em função destes meios e das necessidades sócio-políticas de um período histórico. Assim, o conceito de jornalismo vai sendo delineado a partir de uma teorização mais profunda e da crítica do conceito

1 É importante observar que o jornalismo se caracteriza basicamente por ser uma forma sistemática de transmissão de informações não sistematizadas.

2 Os outros veículos que surgem mais tarde e invadem o campo do jornalismo, notadamente o rádio e a televisão, não encarnam de forma típica o caráter do jornalismo, pois em grande escala vão funcionar como transmissores de informação estética ou simplesmente recreação.

3 Nosso ponto de vista, que será expresso mais detalhadamente adiante, é de que a natureza da informação jornalística possui suas características próprias, assim como a informação estética ou a informação científica.

4 Nelson Werneck Sodré, *História da Imprensa no Brasil*, pg. 1, Editora Civilização Brasileira, 1966.

5 O significado de “estrutura” aqui usado nada tem a ver com o sentido estruturalista do termo. O conceito está empregado em seu sentido corrente usado nas ciências sociais, ou seja, como um todo formado por partes que mantêm relações recíprocas e interdependência, sujeito a determinadas leis.

6 As características próprias do ensino estão condicionadas pela natureza das informações socialmente necessárias, notadamente as de caráter científico, as generalizações e as leis que regem os processos reais.

7 M.M. Rosental e P.F. Iudin, *Dicionário Filosófico*, pg. 232, Ediciones Pueblos Unidos, Montevideu, edição revisada.

empírico colocada inicialmente, vai adquirindo seu status teórico imprescindível. Pois, como vimos, ele não é os meios técnicos, embora deles necessite. E não é, também, apenas a transmissão sistemática de informações ao meio social, na medida que implica necessariamente num determinado tipo de informação, necessário em condições históricas determinadas. E quais são essas condições? A formação do modo de produção capitalista e o surgimento da burguesia, que precisava ampliar infinitamente o mercado e conseqüentemente criar novas necessidades em todas as pessoas em condições de comprar.

Por outro lado, ainda buscando um aprofundamento do conceito, é importante ressaltar que o jornalismo não pode ser restringido a um fenômeno meramente ideológico. Ele é uma das estruturas⁵ de manifestação, difusão e, sob certo aspecto, formação da ideologia. Da mesma forma que o ensino, o jornalismo é uma estrutura determinada de transmissão de informações, com características próprias e sujeito a leis⁶. Seu surgimento deu-se em função da necessidade de uma estrutura específica de comunicação, para difundir informações com a finalidade de sedimentar à ordem burguesa (criação de novas necessidades, ideologia, controle social, etc.) e como tal, enquanto estrutura, faz parte da base da sociedade e não da superestrutura ideológica, estando ligada à evolução geral do

homem, como um sistema que supre certas necessidades sociais de caráter ideológico.

Quanto ao conteúdo, não resta dúvida que assim como o ensino, o jornalismo passa pelo crivo da própria ideologia. Tanto um como outro se manifestam marcados pelos interesses predominantes de uma sociedade de classes. O que se diz, é que a estrutura do jornalismo como comunicação e conhecimento não se esgota no âmbito da ideologia, pelo menos tomado o conceito de ideologia de M. M. Rosental e P. F. Iudin: *Sistema de concepciones y ideas: políticas jurídicas, Morales, estéticas y filosóficas*⁷. O jornalismo como tal não faz parte de um sistema de concepções ou idéias, embora vá manifestá-las necessariamente ao ser exercido na sociedade. É uma estrutura de comunicação fruto do desenvolvimento das relações capitalistas, como necessidade corporificada nos interesses da burguesia, na sua ascensão e domínio sobre o conjunto da sociedade. Seu aparecimento está ligado à difusão da ideologia que vai funcionar como cimento do edifício da ordem social burguesa. Essa estrutura de comunicação (de caráter industrial), como o próprio sistema mecânico que lhe serviu de corpo, é incorporada à humanidade como um aspecto de sua capacidade criadora, através da qual se origina a ideologia, a cultura e o próprio conhecimento. O desaparecimento do jorna-

lismo está condicionado ao desaparecimento da necessidade social que o fez surgir, ou seja, existirá até que seja superada a necessidade da informação de caráter jornalístico.

Assim como os produtos industriais diferem dos artesanais, a comunicação jornalística tem sua natureza própria, diferente da comunicação estética, científica ou qualquer outra. Portanto, uma teoria do jornalismo teria de delimitar claramente a natureza dessa informação, suas leis e suas relações com o desenvolvimento e transformação social. Por isso, parece fundamental transformar o conceito de jornalismo, superar seu “status” explicativo ou adjetivo e transformá-lo num conceito totalizante, pois o fenômeno possui unidade e conteúdos próprios, além de grande importância nas relações sociais.

Voltando a insistir numa comparação com o ensino, podemos observar que nesse campo temos a pedagogia, que nos últimos anos tem avançado bastante. Com relação ao jornalismo, encontramos ainda numa fase totalmente empírica, ao ponto de autores “importantes” conceituarem a notícia como “tudo aquilo que interessa ao público”. É evidente que assim o problema não está resolvido, sequer bem colocado. Podemos começar contestando: o que interessa ao público? A que tipo de público, em que circunstâncias políticas, sociais e históricas? E tudo aquilo que interessa a um público

Assim como os produtos industriais diferem dos artesanais, a comunicação jornalística tem sua natureza própria, diferente da comunicação estética, científica ou qualquer outra

alienado terá valor do ponto de vista da evolução social? Quais as conseqüências de uma ou outra informação na sociedade? Enfim, estamos na pré-história do jornalismo ou pelo menos de sua compreensão sobre o assunto, não se encontra mais do que constatações empíricas, geralmente destituídas de maior valor. São “regras” para a elaboração de notícias, reportagens ou editoriais como receitas de bolo, sempre adicionadas de pregações morais.

A necessidade de uma teoria geral do jornalismo, que explique melhor o fenômeno historicamente, que o reconheça enquanto estrutura específica de comunicação, situando nessa totalidade uma série de conceitos que hoje são operacionalizados, parece uma proposição estritamente válida. Isto implicaria numa redefinição de conceitos como “notícia”, “reportagem”, “editorial”, etc. e no questionamento de seus aspectos estruturais e do próprio conteúdo. Desde os chamados “atributos da notícia”, como atualidade, veracidade, curiosidade, proximidade e outros, até as questões estruturais do “lead” precisariam ser rediscutidos em função de uma compreensão globalizante.